



O ENSINO DE LITERATURA SOB A PERSPECTIVA DE UMA LEITURA UNIVERSAL

Sebastião Gonçalves Dias ¹
Gilson Penalva²

Categoria: Relato de Experiência

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Formação de recursos humanos em Educação Especial

RESUMO: Este trabalho consiste em apresentar uma possível proposta didática e metodológica para o ensino de literatura para alunos do ensino médio sob a perspectiva de um olhar mais abrangente e humanizador. Assim sendo, discute-se aqui a possibilidade de se pensar o ensino da literatura em um formato de currículo universal e ir além do livro didático. Desse modo, pretendemos ir além da literatura escolástica, das cronologias periódicas literárias e dos conceitos homogeneizadores de literatura, propõe –se aqui, discutir formas e maneiras de letramentos cultural e literário para o aluno com alguma necessidade especial. Utilizar-se de mecanismos humanos e tecnológicos que possam contribuir para o constructo sociointeracionista. Para tal estudo, teoricamente, estamos em sintonia com Ângela Kleiman, Mikhail Bakhtin, Paulo Freire, Marisa Lajolo, Jacques Derrida, Silviano Santiago, Roxane Rojo, e outros que buscam o desafio da inclusão e do direito a literatura a todos os sujeitos integrantes de uma comunidade escola.

Palavras-chave: Literatura. Acessibilidade. Letramento cultural

¹ Sebastião Gonçalves Dias. Mestrando do curso de pós-graduação em língua portuguesa pelo programa PROFLETRAS da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Bolsista do CAPS. E-mail: diasce109@gmail.com

² Doutor em Literatura. Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (FAELL/Unifesspa). E-mail: gilpena@unifesspa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado, tem por objetivo propor uma discussão sobre práticas didático-metodológicas de ensino aos professores de língua portuguesa e literatura no ensino fundamental e médio, de modo especial, no ensino médio, onde o ensino de literatura se firmou como disciplina escolar. Não se trata aqui de ensinar alguém a dar aulas de português ou literatura, longe disso, mas sim, de refletir sobre o papel do professor em sala de aula como responsável direto pelo direito a educação, a leitura, a literatura, integração e a inclusão em sala. O foco aqui discutido é a leitura literária dentro e fora da escola, em um contexto acessível a todos, ou pelo menos em sua grande maioria. Sugestões de atividades de leituras, leitura em sentido amplo, não só de livros ou textos impressos, mas de todos os modos atuais de se fazer e entender leitura. A ideia central do trabalho, consiste em refletir sobre as diferentes formas de aprendizagem e as dificuldades de cada aluno, também sobre o qual é a importância do ato de ler, mais que uma simples busca de prazer, ou de conhecimento, mas como um ato de cidadania. Pensar em um ensino público de qualidade é pensar em políticas e estratégias de ensino que priorize a qualidade de um mínimo de aprendizagem para todos os alunos, sem deixar de lado nenhum aluno, mesmo que este apresente dificuldades diferenciadas na hora de aprender. Pensar em qualidade no ensino público, é ao mesmo tempo pensar em um currículo universal, que seja feito com base nos princípios da igualdade, da isonomia e na autonomia de cada sujeito-aluno. Segundo dados do relatório da UNESCO, ainda há muitas pessoas no mundo que tem o seu direito a educação negado.

“A educação é um direito humano fundamental e é essencial para o exercício de todos os direitos. Mesmo assim, existem ainda cerca de 781 milhões de analfabetos no mundo, e cerca 58 milhões de crianças ainda se encontram fora da escola primária, e muitos jovens e mulheres e homens adultos continuam sem aprender o que

precisam saber para dirigir suas vidas com saúde e dignidade”.
(2014)

Apesar de todos os esforços de órgãos internacionais e nacionais, ainda há um número muito grande de crianças que estão fora da escola, um número muito alto de jovens e adultos que não são alfabetizados, e há ainda o caso daqueles que estão em sala de aula, mas, não estão aprendendo porque não consegue acompanhar o currículo aplicado nas aulas e não há uma preocupação ou uma política de ensino voltada para atender os alunos com dificuldades e com deficiências.

Embora esteja garantida na constituição federal como observamos aqui:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A garantia de que a educação é para todos não tem alcançado na prática esse fenômeno, bem sabemos que uma grande parte da população brasileira não tem acesso a esse bem tão precioso que é a educação de qualidade, e mesmo os que chegam até a escola, não tem a garantia de uma aprendizagem mínima, ou de uma educação que priorize suas necessidades.

1.2 Política de Inclusão e Integração na Escola Pública.

A política de inclusão brasileira, muito tem avançado em relação aos alunos com deficiência fazendo com que os mesmos estejam matriculados e frequentando a escola. Tem avançado em relação a formação de novos profissionais na área da educação especial, investido em materiais – mesmo que não o suficiente, como deveria- mas, tem tido uma preocupação em relação a dar um maior suporte aos profissionais que estão envolvidos nesse processo, as salas de AEE tem sido

um importante espaço de apoio ao público especial, fortalecendo as relações dos mesmos com a escola, tem investido também na área de transporte escolar, buscando e levando o discente que tem dificuldades de locomoção até sua residência, além desses pontos citados, percebemos que houve uma maior preocupação com os alunos com surdez, contratando interpretes de LIBRAS para auxiliarem nas salas de aulas.

Observando por essa ótica, parece um bom começo, lembrando que até pouco tempo atrás, o público com deficiência era visto por um péssimo olhar, como alguém neutro, inútil, que não tinha nenhuma condição de aprendizagem. A deficiência era vista como uma doença e deveria ser escondida da “sociedade”. Então, podemos entender que de certo modo, houve sim um grande avanço na política de inclusão escolar e, de certo modo, social. Mesmo com todo esse avanço, sabemos que temos ainda um longo caminho a percorrer, as dificuldades encontradas nas escolas ainda geram um grande atraso no ensino de modo em geral, mas principalmente para o aluno com deficiência, seja ela qual for, os problemas começam desde a mobilidade dentro do espaço escolar e perpassa pela formação do professor de disciplinas que não possui nenhuma ou pouquíssima habilidade para lidar com situações adversas, como no caso de alunos com cegueira, autismo, déficit de aprendizagem e outras dificuldades. Na prática, o dilema é bem mais complexo, o sistema é deficitário, ou seja, há uma série de problemas que precisa ser corrigidos com urgência para que o ensino avance, a situação é mais grave do que o que si discute em salas de reuniões, nas universidades e nos congressos, podemos estar criando uma falsa impressão de que está havendo inclusão e integração desses alunos em sala de aula, quando que, na realidade estamos apenas colocando alunos com deficiência para passar quatro ou cinco horas em sala de aula juntos com outros alunos sem nenhum rendimento psicossocial e intelectual. A escola é ineficiente em subsidiar um ensino propicio aos alunos com deficiência, seu currículo se restringe apenas ao público

que acredita não ter necessidades educacionais especiais, ainda assim há uma grande dificuldade de aprendizagem por parte desses, que em sua grande maioria tem uma base muito carente de conhecimentos e informações. Outro grande problema, está na formação básica do professor de sala de aula, como já disse anteriormente, falta conhecimento de área, habilidades para lidar com tais situações, além da formação enfrentamos também, a falta de condições de trabalho, pouco espaço dentro da sala de aula, falta de material de apoio, falta de formação continuada, atualizada, falta espaços pedagógicos disponíveis para extensão da sala de aula. Esses entraves, que talvez faça com que a educação tenha avançado a passos lentos no Brasil.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O ensino de Literatura no ensino fundamental e médio, tem tido pouco espaço no currículo atual e nas propostas pedagógicas vigentes, a falta de espaço para disciplinas que visem a formação de leitores está cada vez mais evidente nas propostas curriculares no Brasil. A falta de incentivo à leitura tem gerado uma geração de jovens não leitores, em consequência disso, uma grande quantidade de pessoas que termina o ensino básico sem nenhuma base de leitura, e por final, uma série de analfabetos funcionais com certificado de ensino fundamental e médio. O problema se torna mais emblemático quando temos alunos com deficiência em sala de aula, torna mais visível a dificuldade de trabalhar com a formação do leitor em construção e da necessidade uma política mais humanitária do ensino de leitura e literatura. Pensar o ensino de literatura no ensino fundamental e médio dentro de um currículo universal é pensar uma política educacional de maneira que todos possam ter a oportunidade de aprender, respeitando as limitações de cada um. Ou seja, pensar uma proposta inclusiva, de integração, pensar em diferentes maneiras e estratégias de aprendizagem e de ensino que visem atender as condições básicas

de letramento cultural e literário. É função da escola, em especial da educação linguística, ampliar a cultura e a escrita dos estudantes, atribuindo novos sentidos ao letramento em suas vidas. Para isso é importante práticas que procurem resgatar mediante planejamento de tarefas e durante a interação em sala de aula, a possibilidade de a leitura assegurar ações de construção de sentidos.

Ao produzir ou selecionar um material didático, devemos ter a capacidade de planejar as aulas com objetos de trabalhos que objetive a aprendizagem de todos, pensar pela ótica de um ensino inclusivo, pensar em currículo que além de universal, possa atender as necessidades de aprendizagem individuais de cada discente, ou pelo menos em sua grande maioria. Pensar uma sala de aula como homogênea, tem sido o grande entrave da educação brasileira, olhemos da seguinte forma: em uma sala com 30 alunos de 9º ano do ensino fundamental, ou de 3º ano do ensino médio, a diversidade de aprendizagem pode ser enorme em se tratando de como foi desenvolvido o letramento cultural e literário desses alunos, a formação básica, a formação familiar, o acesso a bens culturais. Tudo isso na maioria das vezes, não é levado em consideração na hora do planejamento e mesmo, da execução das aulas. Ao entrarmos em uma sala de aula, basta um olhar mais atento para percebermos que nesta sala, há uma heterogeneidade que, precisa ser levada em conta as múltiplas limitações e deficiências de cada sujeito-aluno. Essa limitação pode ser física, psicomotora, intelectual ou mesmo cultural. Além de que, muitas vezes, a deficiência também parte do professor que, não está apto a lidar com situações adversas. Bem sabemos, que na real situação, a educação está muito aquém do desejado, do que precisamos para uma escola para todos, que inclua e integre o aluno e o faça se sentir um ser social dentro das perspectivas da aprendizagem básica e posteriormente na educação superior. É essa formação básica que dará incentivo a uma vida social, pensada e direcionada para uma formação profissional e acadêmica na universidade. O papel da escola básica é

justamente esse, preparar esse aluno para a vida em comunidade e também para enfrentar o mundo acadêmico com um pouco menos de dificuldade.

Antes de pensar na aula é preciso pensar na produção, análise e seleção de material didático, para isso, é preciso perceber o grau de complexidade que implica o ato de ler e dialogar com as leituras com o sujeito leitor, levando em consideração sempre a capacidade de interação do aluno em formação, como afirma a autora, Ana Ribeiro.

Leitura é informação: o ato de ler implica diálogo entre sujeitos históricos. Atividades de leitura, desde as primeiras etapas escolares, visam o desenvolvimento de competências que permitam compreender o texto como manifestação de um ponto de autoral, assumindo a partir de determinado contexto histórico. Pretendem também colocar o aluno em relação com o ponto de vista de valores expressos no texto, ou seja, em condições de reagir e tomar posição diante dele. Ler implica uma atitude responsiva, isto é, estruturar uma resposta ao texto por meio de novas ações de linguagem verbal ou não (Filipouski, Ana Ribeiro, 2009. P.11)

A responsabilidade de formar leitores críticos e autênticos, capazes de reagir e se manifestar diante de um texto, compete a todos aqueles que atuam na sala de aula, mas de maneira especial a aqueles que trabalham na área de linguagem e suas tecnologias, daí em então o cuidado de planejar aulas dentro de uma perspectiva universal, em que todos possam ter acesso a esses pressupostos citados pelas autoras na referência acima.

O primeiro passo no planejamento da aula de leitura e literatura é a seleção do material didático, mas antes de qualquer coisa, é preciso se ter uma visão real da turma: quantidade de alunos, se há alunos com deficiência; qual deficiência? As dificuldades de aprendizagem e os principais entraves da turma e dos alunos. Após esse diagnóstico, segue-se com a seleção e produção de material didático na forma mais acessível possível.

Quadro resumo de procedimentos e orientações sobre o ensino de leitura e literatura para o aluno do ensino fundamental e médio levando em consideração as diferentes formas de aprendizagem.

PROCEDIMENTOS	DESCRIÇÃO
<p>Abordar diferentes habilidades</p> <p>OBS. Fazer uso de textos com imagens, legendas, desenhos, símbolos e mídias digitais.</p>	<p>O texto literário costuma suscitar boas situações para desenvolver habilidades relacionadas ao trabalho com tipos de inferência, como o humor e a ironia, além de outros subentendidos que compete ao leitor preencher, ampliando o sentido do texto. Também em relações intertextuais é importante relacionar linguagem verbal e não verbal, que possibilitam articular a palavra escrita e outras linguagens.</p>
<p>Propor leitura de gêneros variados</p> <p>Fazer uso dos mais variados gêneros textuais e literários como usos de recursos diversos. Filmes com legendas, Audi livros, áudio descrição e outros</p>	<p>Diferentes textos literários mobilizam o desenvolvimento de variadas habilidades, daí ser importante estabelecer, em um mesmo ano letivo, familiaridade com diversos gêneros. Entretanto, mais do que saber, por exemplo, que elementos constituem uma narrativa, importa reconhecer a finalidade da organização temporal da obra lida, o efeito de sentido da ironia na comédia de costumes, ou ainda, a intencionalidade do uso de antíteses apresentadas em um poema.</p>
<p>Planejar leituras progressivamente mais complexas</p> <p>Uso das mídias digitais: aplicativos de áudio-descrição, aplicativos de tradução de conteúdos, Sinalário e outros recursos, como livros adaptados</p>	<p>É preciso sempre propor leituras com complexidade crescente: apresentar questões que oportunizem encontrar informações explícitas, inferir implícitos ou sentido de alguma palavra ou expressão e organizar o percurso necessário para respondê-las, localizar e indicar níveis de leitura e previsões a serem estabelecidas a partir de recursos linguísticos, de contexto ou de conhecimentos prévios sobre o gênero, compreendendo sua finalidade comunicativa. O gradativo aumento da complexidade do ato de ler apura a competência leitora e o refinamento estético do leitor. Por isso é possível trabalhar um</p>

	mesmo enfoque temático em diferentes etapas da escolaridade básica, aumentando a complexidade dos textos, das habilidades de leitura a serem desenvolvidas e recorrendo às histórias de leitura já construídas pelos leitores.
<p>Apresentar bons exemplos de leitura em colaboração.</p> <p>Fazer leitura de bons livros, contar boas histórias com o uso de materiais adaptáveis, levando em condição as dificuldades e limitações dos alunos. Pode ser usado o aplicativo @voice para surdos, áudio livros, histórias com áudio-descrição e histórias legendadas da TV escola, DVDs gravados.</p>	A leitura orientada pelo professor, por sua experiência prévia de leitura e possibilidade de mediar o estreitamento do contato com a obra, através de esclarecimentos de ordem cultural ou linguística, é fundamental para que os alunos aprendam a interpretar um texto literário. Essa mediação, que pode ocorrer por explicações ou estudo de excertos críticos, de revistas ou jornais, possibilita também que os alunos se apropriem de estratégias de leitura literária que ainda não dominam e ampliem as condições de reflexão a respeito do texto, o que contribui para o crescimento individual e favorece a autonomia da competência leitora.
<p>Realizar releituras</p> <p>Pode ser usado o aplicativo @voice para surdos, áudio livros, histórias com áudio-descrição e histórias legendadas da TV escola, DVDs gravados. Leituras ampliadas, material adaptado e filmes da literatura infanto-juvenil.</p>	Após debate coletivo, é importante apresentar questões que demandem releitura, para possibilitar avaliação do que foi aprendido do texto e orientar necessidade de retomadas, verificar a compreensão dos elementos constitutivos do gênero literário lido e a relação do texto com seu contexto de produção. A releitura também possibilita ao aluno compreender a plurissignificação como características da linguagem literária, sempre aberta a novas leituras
<p>Demandar leitura extensiva e espaço para discuti-la</p>	As atividades que levam à ampliação da proficiência de leitura de textos mais extensos ou complexos impõem a necessidade de leitura extraclasse (contratos de leitura), regulada por tarefas (pactos de leitura). Por exemplo, o professor marca data para discutir alguns capítulos de um romance, previamente separados por extensão e unidade textual. Terminado o prazo

	concedido, é preciso levantar aspectos sobre os recursos utilizados e os efeitos de sentido produzidos, estimular relação entre segmentos para compreendê-los, etc. Ao final, promove socialização dos aspectos priorizados e explicita os procedimentos de leitura utilizados para compreender o texto em sua globalidade.
<p>Oportunizar leitura individual supervisionada</p> <p>Pode ser feito o uso de mídias digitais, material ampliado, desenhos e textos em braile.</p>	A leitura colaborativa ou em pequenos grupos é importante recurso para o trabalho com literatura em classe. Entretanto, especialmente quando a intenção é apresentar algum aspecto novo de abordagem, também é preciso estimular a leitura individual supervisionada, pois é uma forma relevante de entrar em contato com texto escritos, favorece a autonomia leitora, exercita a habilidade de inferir informações implícitas e de relacionar diferentes textos para ampliar a compreensão do contexto em que foi produzido.
<p>Estimular a leitura recreativa por meio de contratos de leitura</p> <p>Fazer uso de mídias digitais, histórias legendadas e com áudio-descrição. Livros com tradução em libras e histórias legendadas.</p>	Os alunos precisam ter liberdade para escolher alguns dos textos que querem ler, o que oportuniza exercitarem o gosto pessoal, comportamento característico de leitores proficientes. Para oferecer sugestões atraentes e adequadas, a parceria com a bibliotecária escolar é fundamental. Ao professor cabe elaborar listas com indicações, permitindo o acréscimo de títulos do interesse dos alunos que sejam adequados à situação de leitura pretendida. Assim, estimula a construção da história pessoal de leitura, fortalecendo também o hábito de socializar as experiências de leitura.
<p>Promover momentos de interação e síntese das aprendizagens</p> <p>Uso das tecnologias: pode ser usado o laboratório de informática para produção escrita dos textos, aplicativos</p>	Ao final de cada unidade de trabalho, para favorecer a construção de uma história de leitor e dar conta do conhecimento acumulado em literatura, preciso elaborar, com a colaboração dos alunos, linhas de tempo, comparações, debates em grupo, exposições, painéis, etc., em que os textos estudados sejam colocados lado a lado com outras

<p>de digitação por voz, notebook, tablet e lousa digital. Também pode ser usado jogos construídos juntamente com os alunos ou encontrado nas plataformas públicas. Teatro de fantoches, teatro de pessoas em libras ou palavras escritas em placas de papelão. Fazer uso das redes sociais para socialização de informações e interação.</p>	<p>experiências constitutivas da cultura e, através da atribuição de sentidos dada a eles, seja possível consolidar a história de leitor. A observação do funcionamento dos conceitos estruturantes da disciplina, a saber: tradição e ruptura, estranhamento e intertextualidade, deve estar sempre presente nesses momentos de sistematização e síntese.</p>
---	--

Também pode ser feito o uso de aplicativos e programas de leitura como o @voice, aplicativos de áudio-descrição, Hand Talk, Sinalário Disciplinar em Libras, entre outros para auxiliar nas aulas com alunos cegos e/ou surdos. São recursos disponíveis (gratuitos) que podem fazer com que o aluno com deficiência possa interagir nas aulas de língua portuguesa (leitura e Literatura), participando de forma mais ativa das atividades na escola

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que há de comum entre leitura e cidadania? Esta palavra tão presente nas discussões de hoje, sobretudo nos discursos dos políticos. Poderia haver um elo de causalidade entre elas? É que se pretende discutir aqui nessa proposta de ensino da literatura e da leitura de modo em geral. Deixar fora o aluno com dificuldades de aprendizagem, é retirar dele o direito à cidadania, ao prazer estético de sentir o mais intenso da leitura literária. A noção de leitura há muito tempo deixou de ser entendida apenas como decifração pura e simples de um código escrito, ampliando –se para outros domínios que ultrapassa o texto verbal impresso em papel. No

Brasil, desde a contribuição valiosíssima de Paulo Freire com o título A importância do Ato de Ler, não se vê mais, apenas o livro impresso como forma de leitura, lê-se o mundo, que se revela ao leitor, sujeito ativo, que participa desse processo interativo, leito-obra-autor, ao seu redor um mundo em que ele está inserido e que precisa dar sua contribuição, lê-se um filme, um texto ou uma imagem publicitaria, um rosto, um gesto, um tom de voz, lê-se também, o mundo ao seu redor, como sempre soube fazer, lê-se os sinais da natureza.

Refiro-me a que a leitura de mundo se trata de leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas que por certa forma de 'descrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (Paulo Freire, 1984 a, p.22).

É direto universal garantido a todos o direito a literatura, negar isso, é negar o direito à vida humana afirma Antônio Candido:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor, A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 1995, p. 249).

Entende-se a literatura e suas funções como algo que está ligado as complexidades da vida e da natureza humana. O papel contraditório e humanizador que traz o consigo o texto literário, porque permite, entre muitas outras coisas, a catarse emocional do sujeito-leitor, podendo assim fazer um papel essencial na vida

do homem, que é fazer-lo conhecer um pouco de si mesmo e do outro, através da leitura de uma narrativa, de um conto, de um poema, o que pode ser feito dentro e fora da escola:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada é mais que um conhecimento a ser elaborada, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2011, p. 17).

Por questões tão relevantes, como está colocada por Cosson, que devemos perceber qual importante é a leitura literária na vida do aluno, de todos os alunos, mesmo aqueles com grau maior de dificuldade. Refletir o mundo por nós mesmo, se sentido parte integrante dele. Isto é possível acontecer porque a literatura reflete experiências que realizamos de forma aprofundada, propiciando a incorporação dos outros em nós sem precisar se despir da própria identidade para que isso aconteça. Isso é cidadania, é o direito a cultura, a Literatura e a aprendizagem mais humana e solidária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as metodologias aplicadas ao ensino de literatura, as bases legais e a forma de aplicabilidade dos conteúdos são os primeiros passos. Caminhar em direção a mudança e a alteração do currículo, é uma discussão árdua e lenta, mas possível. Retirar a leitura e a literatura do segundo plano e coloca-la no lugar de destaque, e procurar meios, mecanismos que faça com que contemple a todos de modo que, todos tenham acesso a bens culturais, entre eles a leitura literária, que é um direito universal garantido a todos. Repensar o ensino de literatura e deixar para segundo plano o viés cronológico pode parecer, à primeira vista, um passo ousado; entretanto, entendemo-lo mais como um posicionamento político-pedagógico do que uma atitude inovadora, se olharmos bem, podemos perceber que essa discussão já

existe há um bom tempo, e que, precisamos estar sempre reforçando o pensamento de que a literatura deve ser para todos, assim como, outras hipóteses desenvolvidas em sala de aulas.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, do ensaio **O direito à literatura, no livro Vários escritos**. 3ª ed. Rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CEREJA, William Roberto. & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. Livro didático. São Paulo: Atual, 2002.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988. ART. 205.

COSSON, Rildo, **Letramento literário: teoria e prática**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

RELATÓRIO DE MONITORAMENTO GLOBAL DA EDUCAÇÃO 2017/8 RESUMO

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leituras literárias e outras leituras**. Belo Horizonte-2009